

## A Noite dos Manequins

Morávamos na capital há alguns anos, instalados num dos prédios mais importantes daquela praça. Nossa vida estava inserida no cotidiano dela, fazíamos parte dela, eu e Zeabel, que me fez chorar depois de tanto tempo. Uma lagrimazinha só, mas solucei quente, como quem engole um caroço de pitomba.

Por aqueles dias, quando o inverno resolveu se despedaçar logo no janeiro, não pudemos fechar a porta para tal intranquilidade. Só vimos um jeito de acabar com o aborrecimento de tanta água: cansados de assistir a chuva a revirar o pensamento, resolvemos tomar banho nas biqueiras dos prédios, chapinhando feito crianças.

Naquela hora, foi o melhor que fizemos. Depois, Zeabel andou a descer ladeira, mal de saúde, sem poder segurar-se em qualquer remédio. No mormaço dos dias mais quentes e na aragem das madrugadas, o coitado decaía. Tentava ajudá-lo, mas era querer carregar o mar pelos braços.

Passado o período das chuvas, num passeio vistoriando os arredores, veio o que eu achava que podia ser uma reanimação. Mas Zeabel chegou com uma história, se dizendo apaixonado e, para mim, era algo desmedido, naqueles últimos lampejos de homem.

Aquilo não era casa de ninguém, Pedro Pereira com General Sampaio? Não se podia dizer que morávamos ali, e eu mesmo não dava tal endereço pra todo mundo. Zeabel, no entanto, insistia em afirmar que aquele pedaço era nosso, e ali nos sentávamos à espera... Nas noites de eventos, no José de Alencar, procurava caprichar nos trajes, apreciando o velho chapéu de massa, ajeitando-o em muitas posições, diante de cada um dos espelhos do quarto.

Acordávamos cedo. Habitado nas mesmas cinco horas, Zeabel despertava arrastando jornais e papelões e caminhava para a sombra da marquise onde eu espremia os olhos tentando tirar ainda algum sono da manhã apressada. Ele adentrava por velhas recordações, lembrando o tempo em que arrancava o sustento pela Aldeota, quando ganhara o chapéu de um velho advogado. Contava novamente como veio para a capital, parido na barriga de um trem vagoteando aos solavancos, do Cariri para cá.

Manhã dessas, me pediu para ver se havia algum carro no estacionamento. Tendo puxado esse tempo no bairro da elite, acabou voltando com umas manias: todo jornal que abria tentava conferir as fotos do *society* em busca dos donos das casas em que se encostara. Além disso, voltou com uma cegueira tão grande por carro de rico, que não podia ver um fusca. Foi o motivo de escolher aquele estacionamento, que diariamente guardava respeitável frota de reluzentes importados. Sem a mínima vontade de olhar estacionamento coisa nenhuma, desviei os olhos da revista que tinha nas mãos e fitei a serenidade no apagado dos seus traços. Fiquei sem saber se me aborrecia ou me acomodava no seu tesouro.

— Já fez a sua visita matinal? — indaguei disfarçando, sem dar sinal de querer removê-lo da tresloucada ideia de paixão. A garota trabalhava num prédio vizinho, quase na esquina do São Luiz, quer dizer, passava o dia parada numa loja de roupas e acho até que fui eu mesmo que a mostrei a Zeabel, jamais supondo que pudesse dar num romance de tanto perequeté. Por ali, trabalhavam muitas mulheres bem vestidas, simpáticas, nas bocas de lojas, demonstrando o mundo aos seus clientes, e Zeabel achar de se morder justamente pela tal mocinha!...

Cada vez mais desejando estar com ela, mal dava uma voltinha e já entortava o passo no sentido da loja, passando a abandonar seu posto com maior frequência. Ela estava sempre lá. Talvez por isso Zeabel gostava dela, por que era preciso paciência demais com suas histórias, os dois entretidos, cochichando, sem importar que o resto do mundo acabasse.

Temia pela sanidade de Zeabel. Há muito trabalhava com ele, pois era quem segurava o outro remo da canoa. Quase me matou, quando tentei abrir seus olhos. Para me provocar, disse que daria a ela todos os carros do estacionamento.

Procurei me afastar, o que pouco adiantou. Ele me seguia, brandindo que tinha de ajudá-lo, que não podia abandoná-lo assim, que — o que você quer é me “produjicar”, que era prejudicar, na linguagem dele: — Amigo ou iminigo?... Amigo ou iminigo?... — Ah, era o último parafuso de Zeabel...

Os domingos e as madrugadas eram de puro pavor. Uma ardilosa calma de mundo fazia bloco diante do nosso nariz e estendia um pano de solidão pela José de Alencar, talhada no silêncio. De segunda a sexta a praça era outra coisa, o movimento da rua, as cores, os rostos, o redemoinho crescente, mas sempre até o limite das seis da tarde. Nessa hora, parece que fechavam o circo, pois sumia todo mundo, abandonando as ruas em correria, numa ordem de retirada, como se tudo estivesse prestes a explodir. Ficávamos nós na despedida dos últimos passantes, enquanto tomava posto o guarda do radinho, todo enfezado na sua nova farda de *robocop*.

No desespero de ver o dia acabando, Zeabel estacava diante da companheira, desejando aplacar a solidão que se avizinhava.

O vigia não falava muito. Deixava a conversa por conta do rádio agasalhado ao colo, como parte da sua farda. Algumas vezes, liberava uns goles de café. Depois, a gente catava cigarros pelo quarteirão, até a Floriano, a chuva fina ensopando tudo.

De longe, avistei Zeabel na conversa. Parecia aguardar uma resposta da namorada, a limpar a vitrine com um jornal. Sem saber o que fazer, largava meus olhos na praça sem dono, os quarteirões vazios a mostrarem seu real cumprimento, que os olhos da noite desnudavam, insistindo em me tirar impressões. Queria dormir, dormir, pra ver se a manhã estourava e aquietava minha ansiedade e a do meu amigo.

Perguntaram depois se ouvi o barulho. Ora, se ouvi! Dormitando, somente me chegava o zumbido distante do rádio, o locutor dizendo das garotas de um *show*, o anúncio de um restaurante e a rua tão nos seus conformes que nem me incomodei.

O resto foi tudo de uma vez: o vidro quebrando, o grito do guarda, o rádio se espatifando no chão, o disparo e o grito seco de Zeabel. Quando corri, estava lá ele, atracado com a sua namorada pelo lado de dentro da vitrine em pedaços.

Eugênio Leandro, do livro “A Noite dos Manequins” (Prêmio Moreira Campos, da Secretaria de Cultura do Ceará, 2010), Expressão Gráfica e Editora, 2011.